

DUSSEL (Henrique D.). — *Historia de la Iglesia en América Latina*. Editorial Nova Terra. Barcelona. 1972.

Enrique Dussel, professor de ética em Mendoza (Argentina), de filosofia e de história em Quito e em Cuernavaca (México), traz a público em 1972 a segunda edição de uma obra cuja primeira edição em 1964 havia constituído uma espécie de esboço da que agora se publica. Não se trata, mesmo nesta sua versão definitiva, de uma história acabada da Igreja latino-americana. O autor a apresenta, no prefácio da primeira edição, como um ensaio, como a apresentação de certas hipóteses para uma compreensão da história da Igreja em nosso continente. Hipóteses cuja discussão o autor considera fundamental para quem queira levar avante o projeto.

A primeira observação que se impõe a um leitor brasileiro é a de que se trata, mais precisamente, de uma história da Igreja hispano-americana. É aliás assim que se refere o autor ao seu objeto em certas passagens (por exemplo, p. 17). O contexto brasileiro é totalmente ignorado na primeira parte da obra, referente ao período colonial, e só escassamente mencionado no capítulo II, correspondente ao período que vai de 1808 a 1961, segundo a periodização proposta pelo autor. Menções escassas que são no entanto suficientes para manifestar um profundo desconhecimento da história brasileira, como se vê por exemplo na afirmação da p. 117, de que o positivismo “imperou no Brasil desde 1870” e constitui aqui o “fator ideológico de transformação”. O autor está neste momento coordenando uma nova história da Igreja na América Latina, obra mais vasta e acurada, a ser publicada em vários volumes, no âmbito da qual foi confiada a uma equipe de historiadores brasileiros o levantamento da parte referente ao Brasil. É de se esperar que esta nova versão do projeto do autor venha a cobrir estas limitações.

A grande importância da obra de Dussel consiste sobretudo na metodologia por ele proposta na sua *Introdução hermenêutica* (pp. 17-51). Para ele, a única compreensão possível da realidade é a compreensão histórica. Uma história da Igreja na América Latina seria uma tentativa de compreensão do ser cristão latino-americano, isto é, da história da Salvação em seu momento latino-americano. Isto só é possível através de uma história que seja também teologia, em razão da natureza da Igreja. História da Igreja e teologia se confundem: a história da Igreja é um momento indivisível da única teologia que é capaz de compreender realmente o ser cristão. Uma história da Igreja na América Latina, dada a situação de opressão que reina no continente, será necessariamente uma teologia da libertação:

“a única teologia que é dogmática-histórica é igualmente prática, quer dizer: deve estudar não só a estrutura teológica da opressão, mas também o caminho pastoral da salvação, da libertação” (p. 28).

O autor se filia, através desta tomada de posição, ao grupo dos chamados “teólogos da libertação”, constituído na América Latina após o II Concílio do Vaticano, em torno de Luis Segundo, Segundo Galilea, Ivan Illich, Gutierrez. Dentro deste grupo, representa nitidamente uma posição historicista: somente a partir de uma compreensão histórica da Igreja é possível chegar a um conhecimento da própria salvação e da missão que a Igreja é chamada a desempenhar na história da Salvação.

Dussel entende que esta missão é sobretudo uma missão profética no contexto latino-americano. Trata-se, para os cristãos, de comunicar ao povo a Palavra de Deus que julga os homens e as instituições, e revela ao povo a sua própria opressão. Somente a Palavra pode revelar ao povo esta opressão no que ela tem de mais íntimo, que é a sua natureza de *pecado*. Esta palavra

suscita no povo uma *praxis* libertadora, de que a própria Igreja só será sujeito na medida em que o povo também o for.

Dussel propõe nesta perspectiva uma periodização da história da Igreja na América Latina em três etapas fundamentais: a primeira, de 1492 a 1808, corresponderia ao estabelecimento da Cristandade colonial, paralelamente ao processo de colonização ibérica; a segunda, de 1808 a 1961, corresponderia a um lento processo de desintegração desta Cristandade, por efeito da aclimação do liberalismo e das transformações decorrentes da chamada Revolução Industrial; a terceira, que o autor considera em curso, desencadeada pelo II Concílio do Vaticano, corresponderia ao dealbar de uma nova era, de uma nova Igreja que toma consciência de sua vocação e de sua missão profética. Pode-se talvez discutir a validade dessa periodização, sobretudo o caráter um tanto otimista de sua visão da Igreja em seu estado atual.

SÉRGIO LOBO DE MOURA

* *

*